

PRN ganhou onde Igreja apoiou Lula

Ricardo Miranda Filho e Ronaldo Brasiense

BRASILIA — Os católicos do interior do país não rezaram pela mesma cartilha da Igreja nas eleições presidenciais de domingo passado. Luis Inácio Lula da Silva, o candidato do PT, teve o apoio da maioria dos 13 mil padres e dos 375 bispos brasileiros, mas a influência da Igreja nos pequenos municípios brasileiros não impediu que Fernando Collor de Mello, o candidato do PRN, ganhasse a eleição com os votos do interior.

Lula perdeu nas bases da ala de esquerda da Igreja, como no município piauiense de Picos, onde está a diocese comandada por Dom Augusto Rocha, presidente nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT), e em Altamira, no Pará, área de atuação de Dom Erwin Krautler, presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Collor venceu ainda em Goiás Velho, no interior goiano, posto do bispo Dom Tomás Balduino, e em São Mateus, no Espírito Santo, onde prega o bispo Dom Aldo Gerna, ambos cabos eleitorais de Lula.

Collor venceu as eleições na região do Bico do Papagaio, no Norte de Tocantins e Sul do Pará, onde se concentram os maiores problemas fundiários do país. Em Redenção, por exemplo, onde atua o padre Ricardo Resende, ex-coordenador da CPT Araguaia-Tocantins e presença constante nas listas de ameaçados de morte na região, Collor teve metade do eleitorado.

O presidente eleito somou o mesmo percentual nos municípios de Campo Alegre,

Arquivo — 14/4/88



Dom Tomás Balduino

Santana do Araguaia e Xinguara, onde realizam trabalho pastoral os padres franceses Aristides Camio e François Gouriou, que foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional acusados de incitar posseiros e ameaçados de expulsão do Brasil durante o governo de João Figueiredo.

Vacas — Em Rio Branco, capital do Acre, onde atua o bispo de esquerda Dom Moacyr Grechi, fundador da CPT, Collor teve metade dos votos apurados, e em Xapuri, cidade natal do líder seringueiro Chico Mendes, Collor teve 38% dos votos contra 32% de Lula, este com o apoio da ala de esquerda da Igreja. “O pavor comunista, que eu pensei estar extinto, ainda funcionou no Acre”, afirma Dom Moacyr Grechi.

“Na região do Alto Purus, pequenos agricultores votaram em Collor pelo medo de perder uma de suas vacas”, exemplificou Dom Moacyr. Para o bispo do Acre, o povo pobre, organizado em sindicatos ou em áreas de atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) votou em Lula maciçamente. “O resultado da eleição presidencial serve como advertência para que ampliemos ainda mais o trabalho político da Igreja”, afirmou o bispo.

“Não somos ingênuos para não entender que os velhos caciques entraram em campo no segundo turno, repetindo o coronelismo e o fisiologismo seculares no interior”, acredita Dom Augusto Rocha. Segundo o presidente da CPT, as acusações de mau pai e mau esposo feitas contra Lula, através do depoimento de sua ex-namorada, Miriam Cordeiro, influenciaram o eleitor. “Foi uma atitude rasteira e eleitoreira de Collor”, diz Dom Augusto, lamentando ainda o “ênfase dirigido” dos noticiários da televisão.

É a mesma a constatação do cientista político Pedro Wilson, presidente do Instituto Brasil Central (Ibrace), para quem a palavra dos padres perdeu a ressonância diante da influência dos meios de comunicação, principalmente a televisão. “Os meios de comunicação de massa envolveram a Igreja e outras instituições seculares, que se tornaram impotentes diante do apelo do vídeo”, avalia Wilson. Para ele, a vitória de Collor também teve seu fator religioso, ao contar com a maioria dos votos dos cerca de 12 milhões de eleitores evangélicos do país, tradicionalmente mais conservadores.

Companheiro — Mesmo nos municípios do interior onde Lula venceu por influência da Igreja, não houve motivos para comemoração. No município de Santa Rita, com 25 mil habitantes, um dos poucos locais no interior maranhense onde Lula venceu nos dois turnos da eleição, o padre Osvaldo Marinho Fernandes, vigário da única igreja da cidade, teve a casa sitiada na última quarta-feira por dezenas de militantes *collo-*

ridos, liderados pelo prefeito pefelista Elisuel Souza Calvert, que quebraram telhas e agrediram o motorista de táxi petista José Luis França.

“A revolta deles é porque eu não fui omissivo e trabalhei para a campanha do companheiro Lula”, defende-se o padre Osvaldo, que subiu até em palanque para carrear votos para Lula. Em Santa Rita, Lula teve mais de 40% dos votos, contra 30% de Collor.

“A caminhada no interior do país é mais lenta”, avalia o bispo Dom Miguel Maria Giambelli, de Bragança, no interior do Pará, onde Collor teve 62% dos eleitores, com oito vezes mais votos que Lula. Segundo o bispo, que recomendou aos seus paroquianos o voto em Mário Covas, no primeiro turno, “é até melhor não forçar o povo a caminhar para não cair no extremismo comunista”. Apesar do posicionamento político explícito de muitos de seus religiosos, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) não se manifestou por nenhum candidato.

Extremos — “A Igreja tem um trabalho permanente de conscientização política”, explica o padre Arnaldo Beltrami, assessor de imprensa da CNBB. Para Beltrami, são poucos os “casos extremos” de religiosos que se posicionam ideologicamente. “Nestas eleições todos ganharam, pois a Igreja votou no Collor e no Lula, metade a metade”, disse.

Desde o encerramento da 27ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Itaici, município paulista de Indaiatuba, em abril passado, a Igreja passou a distribuir o documento *Sociedade, Igreja e Democracia*, orientando para a escolha do candidato à Presidência. *Cartilhas de Orientação* foram distribuídas durante as missas, sugerindo o voto no candidato que apoiasse a “reforma agrária e o não-pagamento da dívida externa”, mas Collor venceu justamente fazendo a defesa intransigente do direito de propriedade e rechaçando o calote junto aos credores internacionais.